

res imediatamente a seguir à ocorrência, visto que a descrição que ali é feita é muito mais vívida e pitoresca do que seria outra qualquer, feita por terceira pessoa.

“Estávamo-nos dedicando a um trabalho inteiramente diferente, quando Cyril de repente exclamou: “O que é isto?”, pois que tínhamos ouvido um grande grito de dor ou de medo. Num momento estávamos no local, e vimos que um rapazito de uns onze ou doze anos tinha caído de um rochedo para cima de outros rochedos mais abaixo, ficando muito maltratado. Tinha partido uma perna e um braço, coitadinho, mas o pior era um rasgão enorme numa coxa, de onde o sangue estava saindo em borbotões. Cyril exclamou: “Vamos auxiliá-lo depressa, senão êle morre!”

“Em conjeturas destas é preciso pensar rapidamente. Evidentemente havia duas coisas a fazer; tinha que se fazer parar o sangue, e tinha que se obter auxílio físico. Eu tinha pois que materializar ou a mim ou a Cyril, pois precisávamos imediatamente de mãos físicas para fazer um penso, e, além disso, parecia melhor que o pobre rapazito visse alguém ao pé de si na sua atrapalhação. Senti logo que, ao passo que êle se sentiria mais à vontade com Cyril do que comigo, eu era o mais apto a obter socorros; de modo que era evidente qual devia ser a divisão de trabalho.

“O plano deu um magnífico resultado. Materializei Cyril imediatamente (êle ainda não sabe fazê-lo por si) e disse-lhe para pegar no lenço do rapaz, atá-lo à roda da coxa e apertá-lo com um pedaço de madeira. “Mas não lhe fará doer muito?” disse Cyril; mas pôs isso em prática, e o sangue parou de correr. O

rapazinho ferido parecia estar quase sem sentidos, e mal podia falar, mas ergueu os olhos para a pequena figura luminosa que se debruçava sobre êle tão ansiosamente e perguntou: “O menino é um anjo?” Cyril sorriu maravilhosamente e respondeu: “Não, sou apenas um menino, mas vim socorrê-lo”; e então deixei-o ali para animar o ferido enquanto corri em procura da mãe do rapaz, que morava acêrca de uma milha de distância.

“Mal pode você acreditar o trabalho que tive para meter na cabeça da mulher a convicção de que tinha acontecido qualquer coisa, e de que ela devia ir ver o que era; mas por fim ela atirou para o lado o tacho que estava limpando, e disse em voz alta: “Não sei o que é isto que sinto, mas não posso deixar de ir procurar o rapaz”. Uma vez que ela se pôs a caminho pude guiá-la sem grande dificuldade, ainda que durante tudo isto tive de estar a manter Cyril no seu estado de materializado, pela fôrça da minha vontade, para que o anjo da própria criança não lhe desaparecesse de repente.

“Você bem vê, quando a gente materializa uma forma qualquer, não faz senão passar a matéria do seu estado natural para outro — opondo-se, por assim dizer, temporariamente, à vontade cósmica; de modo que, se, por meio segundo que seja, desviarmos dali a atenção, a matéria imediatamente regressa à sua condição original. Assim, era-me impossível dar à mulher mais do que metade da minha atenção, mas de uma maneira ou de outra, sempre consegui levá-la pelo caminho preciso, e mal ela virou o rochedo, dei-xei Cyril desaparecer; mas ela sempre o viu, e aí está